

A FESTA DOS ANJOS: INFÂNCIA E FORMAÇÃO RELIGIOSA NO CARIRI CONTEMPORÂNEO

Cícero Joaquim dos Santos¹

Resumo:

Este trabalho historiciza a participação infantil nas festividades religiosas católicas do Cariri cearense contemporâneo, dando destaque às imagens das crianças representando anjos nas festas da Imaculada Conceição. Tomando como pressuposto a construção da visão celestial da criança, inventada paulatinamente a partir da descoberta da infância no ocidente cristão do século XIII, a pesquisa problematiza as associações da criança aos seres angélicos e seus vínculos com o culto à Virgem Maria. Projetadas em um tempo de longa duração, as crenças e práticas religiosas dos católicos do Cariri reafirmam a continuidade de antigas representações da infância.

Palavras-chave: Infância; Anjos; Festa.

Abstract:

This work historicizes child participation in Catholic religious festivals of contemporary Cariri Ceará, highlighting the images of children in parties representing angels of the Immaculate Conception. Taking presupposes the construction of the heavenly vision of the child, gradually invented from the discovery of childhood in the Christian West of the thirteenth century, the research discusses the associations of the child to angelic beings and their links with the cult of the Virgin Mary. Designed for a long time, the religious beliefs and practices of Catholics Cariri reaffirm the continuity of ancient representations of childhood.

Keywords: Children; angels; Party.

Preâmbulo

*Lá vem a barra do dia
Lá vem a Virgem Maria
Lá vêm três anjinhos do Céu
Para sua companhia.
(GALENO, 1977, p.30).*

Nos versos deste bendito, outrora entoado durante as cerimônias fúnebres no sul do Ceará e registrados por Cândida Galeno, no seu *Ritos Fúnebres do Interior Cearense*, no momento em que o sol começava a nascer (barra do dia), a Virgem Maria e os anjinhos desciam do Céu, para amparar e proteger a alma de quem faleceu.

¹Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista FUNCAP. E-mail: cjoaquims@yahoo.com.br.

Tal qual o quebrar da barra do dia, a Virgem Maria e seus anjinhos, entidades oficiais do catolicismo, também foram paulatinamente construídas no imaginário religioso do Ocidente, projetadas nas crenças e práticas religiosas híbridas, pois foram fertilizadas por elementos do mundo dos cristãos e heranças milenares dos povos pagãos.

Nos recortes desta apresentação, pretendo refletir sobre as historicidades que constituíram a visão celestial da infância no que diz respeito à invenção da imagem da criança como anjo católico, e as permanências desta na região do Cariri cearense contemporâneo a partir das festas religiosas dedicadas à Imaculada Conceição.² Desta forma, lanço luz para emaranhados de passados que se fazem percebidos (quando estranhados) no tempo presente, uma vez que este contemporâneo é carregado de heranças passadas e de inúmeras transformações que permeiam nosso tempo.

A descoberta da infância do Ocidente cristão

De acordo com Philippe Ariès (2006), a descoberta da infância teve início na Europa do século XIII. Até aquele momento, reinava uma ausência da morfologia infantil nas artes, a não ser quando representada como homens em tamanho reduzido. Não lhe cabia uma expressão particular, aspecto esse presente também nas civilizações consideradas mais antigas. Até então, a infância era entendida como um momento de transição, logo vivido, cuja memória também logo se perdia.³ Nessa construção, a primeira imagem destacada por Ariès diz respeito à associação da infância aos anjos.

Conforme a Bíblia, o livro sagrado dos cristãos, durante o período de criação dos mundos celeste e terreno, Deus criou os anjos. Do latim *Ángelu*, significa mensageiro de Deus. Temos aí a invenção de um conceito e de uma entidade que ocupou um lugar privilegiado entre os seres. Eles foram inventados como criaturas imortais, sem materialidades e dotados de inteligência e sabedoria. Eles habitaram o mundo espiritual (embora em alguns momentos assumissem imagens corporais para se

² O Vale do Cariri cearense fica no sul do Ceará, possuindo fronteiras com os Estado de Pernambuco, Paraíba e Piauí. Outrora, a região era conhecida como Cariris Novos, para diferenciá-la dos Cariris Velhos, do lado paraibano. Antes da sua ocupação, ocorrida por volta das primeiras décadas do século XVIII, os índios Kariri (ou Kiriri) habitavam a região, fator este decisivo para sua identificação (PAZ, 2004). Sobre o lugar da festa na formação religiosa do Cariri, ver Nobre (2011). No que diz respeito à festa como objeto de pesquisa histórica, ver: Albuquerque Júnior (2011).

³ Para Ariès (2006), a idealização da infância, sua graça e formas tinham sido próprias da arte grega do período conhecido como Helenismo. No medievo, a infância desapareceu da iconografia junto a outros temas das artes da época helenística.

manifestarem no mundo terreno) e receberam a função de, no Céu, proteger a criatura humana. Assim, a Bíblia aponta para a invenção dos anjos como seres imateriais, invisíveis e eternos. Este documento, dotado de historicidade, indica também a criação dos homens como seres visíveis, dotados de corpo e espírito, e distintos, entre macho e fêmea. Nessa criação dos seres e mundos visíveis e invisíveis, o mundo corporal ficou sob a ação da criatura humana. E o espiritual sob a guarda dos seres angelicais, enquanto ambos fossem obedientes ao poder divino.⁴

De acordo com Ariès (2006), no século XIII, o anjo foi representado com uma aparência de um rapaz jovem ou adolescente, momento este em que as crianças eram formadas para atuarem nas missas. “Esse tipo de anjo adolescente se tornaria muito frequente nos séculos XIV e persistiria ainda até o fim do *quattrocento* italiano: são exemplos os anjos de Fra Angelico, de Botticelli e de Ghirlandajo” (ARIÈS, 2006, p. 19). Nos traços das pinturas:

Os anjos, adolescentes rosados e bochechudos, retratados por Guirlandajo, Botticelli e Fra Angélico ao longo dos quatrocentos, perdem as asas e inundam a iconografia leiga saltitando entre cenas de gênero. Pequerruchos muito à vontade são pintados brincando nas ruas lamacentas, urinado ou jogando nas esquinas, ouvindo lições de religião. Mostram-se espectadores de milagres e martírios, atentos aprendizes dos primeiros ofícios e também sonolentos ou ternos nos colos maternos (DEL PRIORE, 1991, p.11).

Foi na Europa quinhentista que surgiram os primeiros modelos ideológicos sobre a infância e que, paulatinamente, começaram a ser propagados no Novo Mundo através das ações dos membros da Companhia de Jesus, conhecidos como Jesuítas.⁵ A igreja católica muito contribuiu para isso, pois essa etapa da vida era compreendida como o lugar ideal para a catequese, uma vez que também era entendida como o momento da unção, da iluminação e da revelação.

Duas representações infantis que corroboraram a mudança de olhar sobre os pequenos foram difundidas pela igreja: a criança mística e a criança que imita Jesus. A primeira dava destaque aos pequeninos que, amparados na fé, suportavam a dor e

⁴ Gn. 1,2.

⁵Fundada em 1539 por Inácio de Loyola e seus companheiros, a Companhia de Jesus foi reconhecida oficialmente pelo Papa Paulo III, no ano de 1540, sendo sediada em Roma. Possuía um caráter missionário e apostólico, dedicando-se desde sua origem às pregações nos hospitais, nas ruas, prisões e em outras áreas distantes da Europa, como é o caso do Novo Mundo. De acordo com Renato Cymbalista, o equilíbrio entre espiritualidade interna e suas pregações, a confiabilidade moral e a mobilidade, bem como o caráter pedagógico e os acordos realizados com reis e o Vaticano “fizeram da Companhia de Jesus um grupo altamente bem-sucedido em tempos de reformas e expansão do universo católico nos séculos XVI e XVII”. (CYMBALISTA, 2011, p.66).

agonia física, demonstrando as qualidades individuais dos pequeninos. Assim, o mito da criança-santa foi estimulado, tomando como referência Pedro de Luxemburgo e Catarina de Siena. No segundo caso, o culto ao Menino Jesus lembrava que Cristo também fora criança, um pequeno luminoso. Nesse sentido, a crescente valorização da infância e a elaboração de um modelo de criança divina estimulou a Companhia de Jesus a escolher os pequenos como o alvo da catequese para o cumprimento da sua missão no Novo Mundo (DEL PRIORE, 1991). E os usos das representações dos anjos na terra, associados à infância, adentraram as festas religiosas nas quais as criancinhas vestiam os trajes e assumiam os traços dos seres celestes, como ensinavam os Jesuítas.

O catolicismo, explica Renato Cymbalista, única religião que foi permitida no Brasil durante séculos, “partiu da matriz barroca portuguesa, repleta de rituais públicos e privados de grande diversidade, de meandros, de alternativas possíveis para a canalização da fé” (2002, p. 174). O período identificado como Barroco, em Portugal, recobriu um longo tempo, sendo delimitado desde a década de 20 do século XVII até os fins do século XVIII (OLIVEIRA, 2004).

No Brasil, esse catolicismo de caráter lusitano continuou flexível às possibilidades de alcançar a Deus mediante as criaturas intermediárias, como os santos, os anjos e os mortos, o que elucida as marcas familiares e íntimas das religiosidades de então. Aos santos era atribuída à proteção das casas e dos objetos. E comumente as crianças eram vestidas de anjinhos. Os mortos das famílias eram projetados a lugares de intercessores, como intermediários entre os vivos e os santos.

Assim sendo, outra marca ou mesmo modalidade da proximidade entre os mundos terreno e celeste era *o culto às almas*, “devoção dos vivos em relação às almas dos mortos, trazida por Portugal e bastante intensa, por exemplo, no século XVIII, nas Minas Gerais” (CYMBALISTA, 2002, p. 174). Para estudiosos do Cariri cearense, este foi o século da sua colonização (PAZ, 2004; PINHEIRO, 1950).⁶ Neste cenário, o culto aos anjos tinha um lugar de destaque.

⁶No Ceará, a Companhia de Jesus iniciou sua missão nos princípios do século XVII, nas regiões que hoje chamamos de Litoral e Serra da Ibiapaba, entre os anos de 1605 e 1608. “Os padres Francisco Pinto e Luiz Filgueiras tentaram em vão catequizar os índios tabajaras – ou cararijus – mas a missão teve um final desastroso, terminando com o assassinato do padre Francisco Pinto pelos índios.” (NOBRE, 2011, p. 1-2).

A festa como um lugar de formação religiosa

No verbete anjo do seu *Vocabulário Popular Cearense*, Raimundo Girão (1900-1988) identificava-o como aquele “menino vestido de anjo nas procissões religiosas” (GIRÃO, 2007, p. 70). Em variadas cidades do Cariri contemporâneo, onde realizei entrevistas, as datas do calendário católico são marcadas pela presença de crianças e jovens teatralizando os anjos. Na cidade do Crato, por exemplo, as celebrações que envolvem a festa da Padroeira Nossa Senhora da Penha, anualmente festejada no mês de agosto, reúnem crianças vestidas com trajes e adereços angelicais, realizando performances associadas às criaturas angélicas. Como exemplo, identificamos que Figueiredo Filho (1904-1973), na segunda metade da década 1960, deu destaque às procissões protagonizadas pelos anjinhos nas festas:

A padroeira de Crato é Nossa Senhora da Penha. Realiza-se a antiga festa, no dia primeiro de janeiro. Depois passou a ser no dia primeiro de setembro. Multidão incalculável derrama-se em todos os recantos centrais da cidade, notadamente na Praça da Sé, antiga da Matriz. À tardinha andores, enfeitados com anjinhos a segurar-lhes a fita, acompanhadas de filas intermináveis, percorrem a passo lento, ao som da banda municipal, e cânticos, as principais ruas da cidade. Recrutam-se os anjos nas principais famílias locais. Vestem-nos de túnicas brilhantes, bem compridas asas de pena. Para completar-lhes os encantos pinta-nos de ruge e batom. Encimam-lhes as cabecinhas com diademas, coroas ou grinaldas, conforme o gosto de suas respectivas mães. Todos os colégios de orientação religiosa, mais os alunos dos grupos escolares, escolas isoladas, congregações, e seminaristas tomam parte nas filas, divididas em duas, em cada pé de calçada das ruas. (FIGUEIREDO FILHO, 1966, p. 82-83).

De igual modo, os festejos da Coroação da Imaculada Conceição, tradicionalmente celebrada no dia 31 de maio, conta com a participação de meninas que representam os anjos e outros astros celestes. Sobre o passado do Crato, Figueiredo Filho reiterou que:

Nas procissões é indispensável a presença da menina, em traje de anjo. (...). Festividade que atrai crescido número de anjos é a coroação da Virgem Maria, a 31 de maio, por ocasião do encerramento de seu novenário. É sempre menina que a coroa, debaixo de cânticos:

Consente que esta croinha
Que jubilosas trazemos
Sôbre nossa fronte augusta
Piedosas a coloquemos!

O côro dos anjos responde:

Eia! Coroai!
Servas do Senhor
A formosa Virgem
Mãe do Belo Amor!

A coroação da virgem Maria, em Crato, processa-se ainda com deslumbrantes solenidades. A 31 de maio de 1960, ergueu-se, no centro do Jardim Frei Carlos de Ferreira, na Praça da Sé, altar monumental, com 40 metros de altura, e 46 anjos, **escolhidos entre mocinhas da melhor sociedade**, tomaram parte na guarda de honra de Nossa Senhora de Fátima. (FIGUEIREDO FILHO, 1966, p. 89-90. Grifo nosso).

A coroação da Imagem da Virgem representa uma repetição da Assunção de Maria aos Céus. Conforme os escritos bíblicos, Maria não morreu. Ela fora, corpo e alma, elevada ao Paraíso nos braços de Jesus Cristo e sobre o coro dos anjos, sendo coroada como a Rainha do Céu e da Terra (VARAZZE, 2003). Como Rainha dos mundos visíveis e invisíveis, seu trono situa-se logo depois da Santíssima Trindade.⁷

No calendário das celebrações católicas, o dia 08 de dezembro é considerado o dia dedicado à Imaculada Conceição. Todavia, as comemorações que recobrem a Coroação da imagem da Virgem Maria no dia 31 de maio são mais concorridas e parecem obter um maior apoio e participação da população católica, recoberta pelo signo da tradição. A festa se insere, portanto, em uma temporalidade sagrada. Ela é delineada em um momento que rompe com o tempo profano do mundo e insere os religiosos em um eterno retorno às origens míticas da devoção, repetindo e, simultaneamente, renovando o tempo sagrado (SANTOS, 2011, 2007).

No sul do Ceará, as comemorações católicas do Mês de maio identificado como o mês mariano, em alusão ao culto à Virgem da Conceição, são concorridas. Durante esse período, novenas e procissões animam as ruas das cidades, principalmente daquelas cuja Virgem é tomada como padroeira. De igual modo, nas demais paróquias das diversas localidades e cidades da região, a imagem da Santa é coroada (SANTOS, 2013, 2011). E nos oratórios que permeiam os espaços de orações nos lares, sua presença é uma peça indispensável, pois, como afirmam Vainfas e Souza (2002, p. 44-

⁷De acordo com Laura de Mello e Souza (2009), o culto à Maria se desenvolveu a partir do século XII, intensificando-se no século XV. A devoção a Nossa Senhora das Graças, da Misericórdia, do Rosário, do Bom Socorro e da Imaculada Conceição se difundiram intensamente nesse momento. É importante considerar que, na tradição lusitana, a Virgem da Conceição também foi coroada Rainha de Portugal. Isso ocorreu em 1646, quando D. João IV (1604-1656), proclamou em meio aos aplausos da corte que a Virgem da Conceição era a padroeira e defensora dos reinos e senhorios de Portugal. E, segundo o historiador Hipólito Raposo, “Desde então, nunca mais os reis de Portugal se apresentariam ou representariam coroados, por haver sido transferido para a Mãe de Deus, o símbolo da sua realeza.” (CASCUDO, 2002, p.407).

45), ao refletirem sobre a formação religiosa da América portuguesa: “a devoção à Virgem Maria foi uma das mais incentivadas e mais populares. Sua presença estava nos sermões, nas preces, nas festas a ela consagradas, recebendo variadas invocações que ressaltavam sua proteção especial nos momentos necessários”. Nas religiosidades da colônia, a ela foi dada uma devoção preferencial (MOTT, 1997).

Nesse horizonte discursivo, ela serviu de modelo na configuração dos padrões femininos atribuídos às mulheres no período Moderno. Como reação da igreja católica frente à Reforma protestante, o culto à Virgem Maria foi estrategicamente intensificado. Ele se transformou em um símbolo da identidade religiosa e de fidelidade à igreja no combate ao protestantismo. Isso resultou em um momento de crescimento da devoção à Virgem Maria na Europa e no Novo Mundo. Por um lado, virgem e temente a Deus, e por outro, mãe e esposa obediente e fiel, Maria congregava as imagens morais destinadas ao papel feminino de então, servindo como um modelo de comportamento para as mulheres cristãs (VAINFAS, SOUZA, 2002). Assim, ao falar sobre a mulher sertaneja, o médico e historiador cratense Irineu Pinheiro (1881-1954) disse que:

Em quaisquer perigos, em momentos, por exemplos de grandes chuvas, acompanhadas de relâmpagos e trovões de estralo, costuma ela ajoelhar-se diante de seus humílimos registros de santos e rezar o rosário apressado da Virgem da Conceição.

Em cada Padre-nosso interroga à Virgem, assim: Vós não dissestes que, quando eu estivesse na maior agonia e na maior aflição, chamasse por Vós cento e cinquenta vezes, e que eu haveria de ser valida? Pois é chegada a ocasião, minha Virgem da Conceição.

Com os dedos trêmulos vai passando as ave-maria e dizendo: Minha Virgem da Conceição, minha Virgem da Conceição, etc. (PINHEIRO, 1950, p. 94).

Comumente, a imagem da Virgem da Conceição presente nos espaços públicos, como nos altares das igrejas e capelas e, de igual modo, nos recintos familiares, imersas nos oratórios e nos retratos pregados nas paredes, está acompanhada de anjos, estes estando com faces humanas, infantis e contendo asas brancas e coloridas. Essa associação da imagem de Maria aos anjos faz referência ao momento da sua assunção e coroação, visualidade ainda hoje presente nas festas de coroação da Virgem no Cariri.⁸

⁸ Nos escritos religiosos, Maria já era sexagenária, quando, sentindo imensamente a saudade do Filho Jesus recebeu o anúncio emitido por um anjo de que em três dias morreria. Sua morte, ocorrida na presença dos apóstolos e ao som do coro dos anjos fora marcada pela saída da alma do seu corpo, atraída pelo chamado de Jesus, que viera buscá-la para o Céu. No terceiro dia após a morte, Jesus,

Nessas ocasiões, o lugar do anjo é disputado entre as famílias católicas e suas crianças que almejam participar das festividades, desde as ilustres e pomposas àquelas mais simplórias (TAVARES, 2011).

Nas memórias de alguns adultos, tal disputa também representa processos de segregação social e étnica. Como exemplo, vejamos a narrativa de Verônica Carvalho, militante do movimento negro no Cariri. Ao lembrar a concorrência que a representação do anjo provocava nas crianças da cidade do Crato, ela cita memórias traumáticas, pois, na infância, fora excluída da categoria angélica em virtude da cor da sua pele.

Quando eu nos meus sete anos, o meu sonho era ser anjo, o meu sonho era ser anjo. E nos foi negado esse direito de ser anjo aqui. Pela condição de ser negro, onde a nossa professora e os nossos colegas diziam assim: - Não adianta vocês trazer esse dinheirão todo não, porque vocês já viram anjo negro? (Verônica Carvalho, In: *A Cova da Nega*. 2010).

A presença de crianças, representando anjos nas procissões e nas festas de coroação, também demonstra os usos da festa para a formação religiosa dos pequenos. Nas palavras de Dona Maria do Carmo, uma das religiosas organizadoras da festa da coroação na cidade de Porteiras:

A Coroação é muito importante na vida das crianças, porque as crianças quando vão começando a entender dizem: - Eu quero ser anjo. Elas acham bonito e vão querendo participar desse movimento. É uma forma que faz com que a criança se aproxime de Nossa Senhora e que também se apresente para o mundo. Ela participa de uma coisa que todo mundo participa. Eu acho que isso é muito importante na vida da criança e também do adolescente, que se empenham muito.⁹

Da mesma forma que Dona Do Carmo, as narrativas das crianças que participam das celebrações vestidas de anjos reforçam sua importância como um instrumento de formação católica. As palavras da pequena I. F., de 9 anos, reiteram as sensibilidades infantis na festa da Coroação realizada no município de Porteiras:

rodeado de anjos, teria se dirigido para a sepultura de Maria que estava protegida pelos apóstolos. Lá “o Salvador falou assim: - levanta-se, minha mãe, minha pomba, tabernáculo de glória, vaso de vida, templo celeste, e da mesma maneira que me gerou sem coito e sem mácula, também no sepulcro manterá o corpo íntegro”. Imediatamente, a alma de Maria aproximou-se de seu corpo, que saiu glorioso do túmulo e foi alçado ao tálamo celeste, acompanhado por uma multidão de anjos”. (VARAZZE, 2003, p. 662).

⁹Narrativa de Maria do Carmo de Lima. 64 anos. Professora. Conhecida como D. Do Carmo. *Apud Santos* (2007, p. 8).

“Quando me visto com aquela roupa branca, asas e coroa é como se eu me tornasse um anjo de verdade e estivesse aos pés de Nossa Senhora”.¹⁰

A reconstrução desse cenário celestial no qual crianças são vestidas de anjos e estes circulam a imagem da Virgem da Conceição, seja nas imagens de gesso ou nas festas religiosas, evidencia a associação da criança à candura, pureza e inocência. Não por acaso, tradicionalmente apenas meninas e moças virgens podem representar os anjos, pois, a virgindade é um critério fundamental na seleção dos representantes dos anjinhos e astros celestes, pelos organizadores das festas.

Nas crenças católicas, “a virgindade é o estado mais próximo de Deus, porque conserva a incolumidade da graça original intacta e sem a participação terrena do pecado, que é um desfalcador de energia” (CASCUDO, 2002, p. 323). Nesse caso, ser virgem significa não ter mácula, pecados carnavais, assim como Maria de Nazaré é representada no catolicismo, nos escritos oficiais e nas imagens entre muitos suportes, desde aquelas pintadas nas catedrais às capelinhas das estradas.¹¹

Outrora, Nossa Senhora da Conceição foi patrona da fertilidade (REIS, 1997). Desta forma, se ela era um símbolo do nascimento, sua devoção tinha início ainda na gestação, quando as mulheres grávidas rogavam à santa a proteção dos seus futuros bebês. De igual modo, ao nascerem, estes eram dedicados à sua devoção. Era comum atribuir à Santa o apadrinhamento do pequeno. Caso fossem meninas, também ganhava seu nome (MOTT, 1997). Vemos, portanto, a construção de uma visão celestial da infância.

Considerações finais

¹⁰ Narrativa de I. F.. Entrevista cedida à Dalete Lima e Valdênia Monteiro. Realizada em 09/04/2006, na cidade de Porteiras. *Apud* Santos (2007, p. 8).

¹¹No entanto, é importante considerar que em virtude dos processos de hibridações religiosas na Europa medieval, nos quais havia uma dificuldade de distinção entre as práticas cristãs e pagãs, a virgindade de Maria era questionada ainda na época Moderna, momento em que se intensificaram as ações dos Tribunais do Santo Ofício. Na América portuguesa, a Virgem Maria, Deus, Jesus Cristo, os Cruzifixos, os Santos e os espaços do Além (o Ceú, o Purgatório e o Inferno) eram questionados e desacatados. Para Laura de Mello e Souza, no Velho Mundo esse cenário tendeu a desaparecer apenas no final do século XVIII. Ele revela um movimento ambíguo de afetivização e detração existentes das religiosidades, segundo o qual “o santo que se venera, que se adora, com quem se trocam confidências é também aquele que, no contexto da economia religiosa do toma-lá-dá-cá, pode-se atirar num canto, xingar, odiar em rompantes de cólera ou de insatisfação” (MELLO E SOUZA, 2009, p.156-157).Essa religiosidade marcada pela economia do toma-lá-da-cá e tecida numa íntima relação entre o devoto e o seu santo, nas variações entre o amor e o ódio, a adulação e a agressão, estava vinculada às necessidades do cotidiano dos fiéis. Desta forma, os sentidos da vida e da morte também eram postos nessa devoção cambiante.

Pelo que foi exposto, torna-se visível a continuidade de crenças e práticas religiosas que confluíram na construção de uma visão celestial da infância no ocidente cristão, tecida paulatinamente a partir da invenção da imagem da criança santa e dos anjos. Nesse processo, os pressupostos morais vinculados à pureza e inocência foram importantes à associação da criança à imagem do anjo católico, um intercessor dos fiéis.

Nesse direcionamento, a inserção de crianças representando anjos nas celebrações católicas evidencia teatralizações da fé impulsionadas desde o período de colonização da América portuguesa que, projetadas na longa duração, persistem no tempo presente, mediante múltiplos usos e significados (SANTOS, 2007).

Nas memórias de alguns católicos do Cariri, o lugar dos anjinhos na festa da Coroação evidencia momentos de fé e, não contraditoriamente, tensões e conflitos. Estes colocam em cena a projeção social que a festa apresentava e, do outro lado, a segregação étnica e social, outrora evidenciada na exclusão de crianças negras da teatralização dos anjinhos.

Por fim, essa análise elucidou como o culto à Virgem Maria e a participação dos anjinhos nas festas religiosas do Cariri, principalmente aquelas dedicadas a esta santa, atuaram no passado e atuam no presente como mecanismos de formação e orientação à vida religiosa católica.

FONTES:

Verônica Carvalho. In: *A Cova da Nega*, 23 minutos, Cor, Direção de Alex Josberto Sampaio e Marcos Xenofonte. Produção: Projeto Verde Vida. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTEIRAS. *Mapeamento das expressões culturais de Porteiras*. Porteiras: Departamento Municipal de Cultura e Desporto, 2006. (Mimeo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Festas para que te quero: Por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e Memória*, v.7, n.1, p.134-150, 2011.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. 5ª. ed. São Paulo: Global, 2002.

CYMBALISTA, Renato. *Sangue, ossos e terras: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Alameda, 2011.

_____. *Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

DEL PRIORE, Mary. O papel branco, a infância e os Jesuítas na Colônia. In: _____. *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.p.10-27.

FIGUEIREDO FILHO, José de. *Folgedos infantis caririenses*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

GALENO, Cândida. *Ritos fúnebres no interior cearense*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1977.

GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.155-220.

NOBRE, Edianne. Festas e práticas religiosas no Cariri cearense nos relatos de viagens (Século XIX). *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, v.3, n.9, p. 1-12, 2011. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 28/02/2014.

OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de. Uma “irmandade” volante do século XVIII: o folheto “lagrimas das almas”. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2657.pdf>. Acesso em: 24/02/2014.

PAZ, Renata Marinho. Cariri, campo fértil da religiosidade popular. *Tendências, Crato*,v.2, n.1, p. 9-27, 2004.

PINHEIRO, Irineu. *O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes*. Fortaleza: S/E, 1950.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: *História da vida privada no Brasil: Império - A corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. p. 95-141.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. A musealização da festa religiosa: relato de uma experiência. *Caderno de Cultura e Ciência*, Crato, ano VIII, v.12, n.2, p. 106-115, 2013.

_____. *Passado alumiado: representações históricas de Porteiras*. Fortaleza: IMOPEC, 2011.

_____. “É a festa melhor que há”: A Coroação de Nossa Senhora da Conceição em Porteiras. *Propostas Alternativas*, Fortaleza, n.15, 2007, p. 5-12.

TAVARES, Cícero Sérgio Magalhães. *O penhor de eterna vida: Memórias da festa da Coroação da Imaculada Conceição em Porteiras-CE*. Crato: URCA, 2011 (Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História do Brasil).

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz de. *Brasil de todos os santos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.